

O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE: CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS

Mateus Felipe Holtz ¹
Gilberto Cunha Franca ²

Resumo

Este artigo discute a situação atual dos assírios enquanto minoria étnica-religiosa no norte do Iraque, na fronteira com o sudeste da Turquia, tensionada pelas configurações interna e externa dos Estados nacionais. Conduzimos nossa análise histórica e geográfica desde então a partir da teoria do imperialismo capitalista, de David Harvey, e orientalismo de Edward Said; além disto, procuramos integrar, nestas duas condições gerais, os conceitos de território e territorialidade a partir de Claude Raffestin. Em nossa análise reconstituímos certos elementos da identidade cultural e política assíria na geopolítica do Oriente Médio, desde a Primeira Guerra Mundial, marco do genocídio assírio e de sua diáspora, até a recente dispersão, provocado pela invasão do Norte do Iraque pelo Estado Islâmico. Assim, pontuando traços culturais importantes desta comunidade, através de tempos mais longínquos buscamos mostrar aspectos da territorialidade assíria e de sua manifestação política atual, informando as reivindicações dos assírios, principalmente, frente o Estado-Nação iraquiano.

Palavras-chave: assírios; Iraque; Oriente Médio; território; territorialidade; geopolítica.

Abstract

This article discusses the current situation of the Assyrians as an ethnic-religious minority in northern Iraq, on the border with southeastern Turkey, tensioned by the internal and external configurations of national states. We have conducted our historical and geographical analysis since then based on David Harvey's theory of capitalist imperialism and Edward Said's orientalism; in addition, we seek to integrate, in these two general conditions, the concepts of territory and territoriality from Claude Raffestin. Therefore, it was important to reconstruct the elements of Assyrian cultural and political identity in the geopolitics of the Middle East since the First World War, a landmark of the Assyrian genocide and its diaspora, until the last dispersion, caused by invasion of northern Iraq by the Islamic State. Thus, we point out important cultural traits of this community, through more distant times we seek to show aspects of Assyrian territoriality and its current political manifestation, informing the claims of the Assyrians before the Iraqi Nation-State.

Keywords: Assyrians; Iraq; Middle East; territory; territoriality; geopolitics.

Introdução

Há hoje cerca de 4,5 milhões de assírios no mundo, segundo Betbasoo (2015), um terço deles fora de seu território original, em diáspora da antiga mesopotâmia. No Iraque, ao norte, a população assíria concentra-se nas cidades de Erbil e Mosul, região administrada pelos curdos. Assírios e curdos tem uma história e geografia comum de resistência e sofrimento perante o império

¹ Mestrando em Geografia (Geografia Humana) e Bolsista pela CAPES pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de São Carlos. Contato: holtz.mateus@hotmail.com

² Doutor em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2010). Professor Adjunto do Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades da Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba. Contato: franca@ufscar.com.br

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

turco-otomano, as forças imperialistas e os estados nacionais da Turquia, Irã, Síria e Iraque. No Iraque, o número sensivelmente maior de curdos se converteu em hegemonia política curda³, oprimindo, muitas vezes, os assírios, como veremos.

O Oriente Médio é tomado muitas vezes como uma região homogênea e dual quando se discute cultura, religião, organização social, territórios e visões políticas. Assim, identidades e diferenças populacionais ali presentes são encobertas no interior de Estados nacionais no Oriente Médio, criados ao longo do século XX com o fim do Império Turco-Otomano e, posteriormente, a independência política nacional dos imperialismos europeus inglês e francês, na segunda metade do século XX. Por isso vamos discutir aqui como a identidade e a territorialidade dos assírios pode se manter neste cenário geopolítico.

O Oriente Médio é parte de um espaço vasto conhecido como Oriente, tangencia a Europa, através da Turquia e vai até, aproximadamente, a Índia; o Oriente foi apresentado aos ocidentais através de narrativas de diversas naturezas; esta relação constituiu um elo entre o Ocidente e o Oriente. Todavia este elo não conectou equitativamente ambos os mundos, na verdade colocou-os respectivamente em posições de superioridade e inferioridade, e isto ocorreu com a elaboração, repleta de intencionalidade, de extenso material literário que reproduziu uma lógica de relação entre Oeste e Leste (SAID, 1990).

Em *Orientalismo* Said discute como as instituições ocidentais construíram uma versão do Oriente e a imbuíram no imaginário popular. Esta instância do *Orientalismo* foi formada por uma tríade – Academia/ Ciência, Artistas/Literatura, Estado/ Política – que age sinergicamente a fim de dominar intelectualmente o Oriente, mas oferecendo bases para intervenções imperialistas físicas e militares

O conceito de imperialismo, reelaborado por Harvey (2005), no interior de uma teoria do desenvolvimento geográfico desigual do capitalismo, foi outra referência fundamental, a partir do qual procuramos compreender a relação contraditória entre as lógicas capitalista de poder e as lógicas territoriais de poder. De maneira mais direta, ele discute as estratégias geopolíticas no Oriente Médio, sobretudo pelo petróleo, no contexto da disputa capitalista global: “quem controlar o Oriente Médio controlará a torneira global do petróleo, e quem controlar a torneira global do petróleo poderá controlar a economia global, pelo menos no futuro próximo” (HARVEY, 2005, p. 25). Essa disputa se manifesta na dimensão política, referente ao domínio de recursos naturais, de infraestrutura físicas e

³ Há cerca de 30 milhões de curdos no mundo, sendo, aproximadamente, 5 milhões destes no Iraque. (Kurdish political geography. Open Democracy. Pesquisa em 15/04/17)

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

humanas de determinado território; manifesta-se também na dimensão do poder econômico, caracterizado pelos processos de produção que invadem determinado território, o atrelando a uma hegemonia capitalista.

Para buscar elucidar este cenário geopolítico, revelando suas singularidades, estudamos o contexto do povo assírio, minoria étnica atual, e que enfrenta os problemas da manutenção de sua identidade não-hegemônica, sobretudo no interior do Iraque, e das pressões geopolíticas de potências regionais e internacionais. Para isto, buscamos delimitar a territorialidade do povo assírio, na sua relação com demais grupos minoritários, dentro (e sob pressão) do Iraque, onde também se manifesta a busca de defesa de seu território e de sua identidade cultural e política.

Uma das principais justificativas deste trabalho é trazer à tona os conflitos contemporâneos nos quais os assírios se envolveram, sobretudo os ocorridos em função da Guerra do Iraque, tendo como centro a segunda metade do séc. XX e, como pano de fundo, o ano de 1915. As datas escolhidas são fruto duma tentativa de organizar periodicamente a própria história assíria, levando em conta os agentes e campos de forças que emergem e submergem no decorrer da própria história

Breve histórico de conflitos étnico-territoriais

Os assírios constituem um grupo étnico originado milenarmente dentro da Crescente Fértil⁴. Hoje seu território flui entre zonas fronteiriças nas planícies do rio Nínive; nordeste da Síria, noroeste do Irã e sudeste da Anatólia, na Turquia. Ao contrário do que se poderia acreditar, o povo assírio não se extinguiu depois da queda do Império Assírio, antes passou a constituir minorias étnicas sob o domínio de outras nações desde o fim da Idade Antiga (BETBASOO, 2015).

Durante a Primeira Guerra Mundial, aquilo que conhecemos como Genocídio Armênio foi um fenômeno que englobou outros povos, como assírios e gregos; mas, segundo Wigram (1929, cap. 10, n.p.), “no caso dos assírios, não há provas - como no caso dos armênios - de um plano deliberado e sistemático para a destruição de toda uma nação (...)”. Com a atuação do Império Otomano na Guerra, havia necessidade desta parte coalizar parceiros no Oriente Médio, sobretudo as comunidades étnicas locais, como assírios que estavam organizados em tribos, para combaterem França e Grã-Bretanha a partir de seu próprio território. Entretanto, todas as promessas de autonomia sobre vilas

⁴ Área entre os rios Tigre e Eufrates, onde crê-se que surgiram as primeiras civilizações humanas, na Mesopotâmia; atualmente abarca principalmente territórios do Iraque.

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

assírias foram ordinariamente quebradas (MALEK⁵, 1935), resultando em um mar de perseguição aos assírios.

Em 16 de agosto de 1933, o governo do Iraque aprovou uma lei de emergência para a deportação de Mar Shimun, Patriarca Assírio da Igreja Assíria do Oriente, devido à atuação política desta autoridade religiosa; todavia, a ordem de deportação também foi aplicada a cerca de cem mil pessoas, incluindo caldeus, armênios e outros membros das minorias iraquianas que entraram no Iraque depois da guerra, se estendendo, segundo Malek (1935, n.p.), a “(...) quaisquer pessoas que, ele ou sua família, não eram habitualmente residentes no Iraque antes da guerra (...)”. Surgiram evidentemente protestos vindos das comunidades minoritárias em relação a esta lei que contrariava a Constituição Iraquiana e as garantias da Liga das Nações, a qual era encabeçada pelo próprio Império Britânico. Valendo-se da força militar, sobretudo em Mosul, o governo iraquiano provocou uma grande mortandade, sob pretexto de desobediência civil (MALEK, 1935).

Hannibal Travis (2006) afirma que os atos perpetrados pelo Império Otomano constituíram um genocídio étnico e cultural, por mais que muitos especialistas contemporâneos relutem em afirmar isto, de modo que se constitui um crime qual lesa os direitos mais básicos dos povos. Cenários políticos constituídos por relações diplomáticas e militares

e por alianças mediadas por motivações imperialistas não cessaram de se estabelecer mesmo até o fim do século XX e início deste; nações como os Estados Unidos, a França e Grã-Bretanha estenderam amplo apoio logístico, militar e técnico a turcos e árabes, a fim de governarem sobre território assírio e de outras minorias por direito (SKENDERIS, 2004). Estes eventos são exemplos que mostram a transição do funcionamento ainda do antigo imperialismo, calcado na dominação física, na espoliação de recursos humanos, para o novo imperialismo, balizado no atrelamento político e econômico de países periféricos às nações hegemônicas do sistema produtivo global. (HARVEY, 2005)

Os estadunidenses são, até hoje, os principais fornecedores de armamentos para a Turquia, utilizadas para combater minorias que faziam frente ao seu Estado nacional. A União Soviética, por seu turno, foi a principal fornecedora de equipamentos militares para as forças iraquianas até o fim dos anos de 1980, período das campanhas de expansão e arabização promovidas por Hussein (TRAVIS, 2006; SMOLANSKY, 1991). Segundo Phares (2001), potências ocidentais rejeitaram a solidariedade e a justiça perante a situação dos cristãos no Oriente Médio, em favor dos interesses energéticos do petróleo e da questão árabe-israelense. Deste modo, França, Grã-Bretanha e Estados Unidos

⁵ Autodenominado assírio-caldeu, natural da região de Mosul

O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE: CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS

ignoraram perseguições massivas aos assírios e demais cristãos no Iraque, Líbano, Egito e Sudão, ao passo que favoreciam a ligação com a elite muçulmana que controlavam o petróleo do Kuwait e da Arábia Saudita. (TRAVIS, 2006)

Os assírios no Iraque: relações com Bagdá e com o Curdistão do Sul

Nossa análise sobre os conflitos territoriais nas planícies do Nínive, de modo específico, e no Iraque, de modo geral, ganha mais relevo quando temos em vista a Ratificação pela ONU, logo após o fim da Segunda Guerra mundial, da legitimidade de assentamento dos assírios e de outros grupos étnicos minoritários em suas terras ancestrais (LISZUS, 1999).

Mapa político do Iraque com a pontuação das principais cidades do país



Fonte: Nations Online⁶

⁶ Disponível em: http://nationsonline.org/oneworld/map/iraq_map.htm

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

No Iraque moderno os assírios vivem majoritariamente na cidade e arredores de Mosul, cortada de norte a sul pelo Rio Tigres, além de haver um razoável povoamento de assírios nestorianos⁷ no distrito de Amadia. Todavia, como já visto, a população assírio-caldéia já foi muito maior, habitando aldeias próximas a Erbil, Kuy Sanjaq e ao rio Big Zab (PETROSIAN, 2006).

Durante a 70ª Convenção Assíria⁸ em 2003 (AINA, 2019), Firas Jatou, membro da Agência Internacional de Notícias Assíria (AINA), apresentou um estudo demográfico da população assíria, afirmando que, durante a década de 1960, com a subida do Partido Baath⁹, por mais que 200 aldeias assírias tenham sido destruídas por forças governamentais iraquianas, aquelas assentadas na região de Mosul foram praticamente todas intocadas. Segundo Travis (2006), manter os assírios limitados a um grande centro urbano foi um plano do governo iraquiano para assimilar culturalmente o povo aos modos, à língua e à religião predominantes entre os árabes.

Por mais que os assírios se diferenciem cultural e religiosamente, o governo de Bagdá sempre possuiu uma política geral e padronizada para os assírios de diferentes denominações; contudo, as diferentes Igrejas, representadas por suas autoridades eclesiais que desempenhavam também um papel social forte, mantiveram posições divergentes em relação aos diferentes governos que se sucediam.

A Igreja Assíria do Oriente – nestorianos – manteve desde a Primeira Grande Guerra uma postura de enfrentamento e defesa de formação de um Estado Assírio; enquanto a Igreja Caldéia buscou diferenciar as atuações religiosas e políticas, jamais participando oficialmente de atividades anti-governo e mantendo seus seguidores afastados de agendas nacionalistas (PETROSIAN, 2006).

A Igreja Caldéia, neste ponto, reconheceu as autoridades otomanas, a administração britânica e os próprios governos iraquianos desde 1921; o reconhecimento ao governo iraquiano manteve-se estável mesmo após uma onda de ataques sofrida em 1933 pelos nestorianos, subsequente à recusa do governo iraquiano em firmar qualquer compromisso pela proteção das minorias, por evento de sua entrada na Liga das Nações. (SHAPER, 2003)

⁷ Os Nestorianos referem-se à Igreja Assíria do Oriente. Esta denominação existe devido aos seguidores desta Igreja terem abraçado a doutrina de Nestório, antigo patriarca de Constantinopla, que, ao contrário da doutrina romana, exortava que Cristo não possuía as naturezas humana e divina integralizadas em si.

⁸ Disponível em: <http://www.aina.org/releases/convention6753.htm>. Acesso em 10 de março de 2019

⁹ “A ideologia Baathista foi criada por volta do início da década de 1940 na Síria, por Michael Aflaq, e tinha como objetivos principais a unidade, a liberdade e o socialismo (...) e o pan-arabismo. (...) O Baathismo reconhece o Estado como secular (...)”. (ZAPATA, Daniela de Oliveira. A Revolução Baath no Iraque e na Síria: o que mudou? Revista Perspectiva. v. 10, n. 18. 2017, p. 86-100)

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaPerspectiva/article/view/80176/47838>

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

Não obstante, demonstrando interesse em integrar os assírios à vida social iraquiana e buscando prestígio dentro do país, a Igreja Caldéia incentivou seus seguidores a se distribuírem pelo país, saindo principalmente das pequenas vilas do norte e deslocando-se até os centros urbanos da porção central e sul do país, como propriamente a capital Bagdá. Vahram Petrosian (2006, p. 125-126 *apud* SHAPER, 2006, n.p.) a respeito disso escreve:

A transferência pelo patriarca caldeu Mar Yousef Ghanima (1947–1958) de sua Sé Patriarcal de Mosul a Bagdá foi a prova definitiva da lealdade dos assírio-caldeus ao regime. Este movimento anunciava o início de uma “era nova e óbvia de harmonização, integração e fusão dos caldeus na sociedade iraquiana”, processo ainda em curso.

Com isso, o governo iraquiano direcionou um olhar mais ameno sobre os seguidores da Igreja Caldéia, que puderam galgar maior ascensão social no Iraque, sendo construídas escolas e igrejas em grandes cidades seculares do Iraque sob administração de assírio-caldeus. Tais circunstâncias levaram este grupo a se tornarem cidadãos de grande nível cultural e educacional, assumindo posições altas na sociedade, fosse na esfera civil ou política. (PETROSIAN, 2006)

No entanto, progressivamente os assírio-caldeus passaram a ser absorvidos pelo modo de vida árabe e urbano, perdendo as tradições históricas, linguísticas e culturais, com exceção da religião. Tal fenômeno foi mais notável nas cidades do centro-sul, onde tinham já se tornado falantes de árabe. Já no norte do país, também Curdistão Iraquiano ou do Sul, os assírios eram forçados pelas circunstâncias a terem como língua principal o curdo ou o árabe, com exceção das, cada vez menores, comunidades rurais. (PETROSIAN, 2006)

A despeito do esforço dos assírio-caldeus e de suas autoridades aproximarem-se do governo iraquiano e buscarem promover uma integração dos povos do Iraque, cabe ressaltar que sempre foram vistos como uma mera minoria religiosa – e não étnica, por Bagdá. Com o não reconhecimento desta condição principal, os assírio-caldeus passaram a ser chamados indistintamente de árabes cristãos, curdos cristãos ou otomanos cristãos por estes respectivos grupos (PETROSIAN, 2006), descaracterizando-os – ou mesmo negando-os, do ponto de vista étnico-cultural.

Os anos de tratamento relativamente ameno em relação aos assírio-caldeus por parte de Bagdá tiveram, no entanto, fim; já a condição dos nestorianos, por seu engajamento político e seus ideais nacionalistas, provocou uma opressão frontal. O primeiro e importante exemplo da negação pelo governo iraquiano da existência dos assírios, enquanto um povo, ocorreu em 1977, por ocasião de um censo nacional, quando os assírios foram impedidos de se registrarem como tais, tendo que

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

optar pela etnia curda ou árabe (PETROSIAN, 2006). Estes esforços iraquianos corroboram com o argumento de que havia um programa sistemático para a liquidação dos traços culturais deste povo.

Com isto, tornou-se claramente necessária a organização política unificada¹⁰ dos assírios, para que pudessem pleitear seus direitos junto a Bagdá, bem como chamar por ajuda internacional para que não fossem de fato apagados da história. Tal ação tinha como obstáculo as diferenças pastorais entre as igrejas Nestoriana e Caldéia. Antes, se houvera recomendação do Patriarcado Caldeu para que os fiéis não se filiassem a movimentos nacionalistas, neste momento as autoridades episcopais, optaram por se manterem neutras, permitindo a ação política de seus seguidores e sem ferir as recomendações romanas. É verdade, no entanto, que tal união foi possibilitada mais pela ação espontânea, comunitária e social tanto de assírios nestorianos quanto de assírio-caldeus, já que o Patriarcado Caldeu manteve o reconhecimento ao governo de Bagdá (PETROSIAN, 2006).

No entanto, com o início da Guerra Irã-Iraque as dificuldades dos assírios aumentaram drasticamente. Os assírios se viram naquele momento pressionados: tanto pelo governo secular de Bagdá, que sempre vira a comunidade cristã como um obstáculo à implementação de um governo em prol da arabização da população, e que visava reconhecer no sunismo islâmico a inspiração de uma cultura nacional; quanto pela teocracia xiita que floresceu no Irã, sobrepondo o islamismo à política civil e democrática (PETROSIAN, 2006).

Durante a guerra, o número total de assírios mortos, presos ou desaparecidos chegou a cerca de 60.000, sendo que apenas em Baghdeda, no norte do Iraque, 6.000 assírios foram executados - números proporcionalmente elevados, o que leva a crer, segundo Petrosian (2006), que havia uma premeditação do governo Baathista em higienizar o Iraque, adotando como método a dizimação regular de assírios.

Após o confronto de Saddam Hussein frente os iranianos, o governo iraquiano buscou expandir sua hegemonia em duas frentes: atacando o Kuwait, como retaliação à política deste país em relação aos preços do petróleo, movimento que deu início a Guerra do Golfo; e colocando em prática a campanha *Al-Anfal*, que buscava atacar a administração curda no norte, onde estava grande parte da população assíria, numa empreitada para tornar o país cada vez mais árabe e não permitir qualquer espécie de poder paralelo a Bagdá.

As tropas iraquianas, além de pressionarem as milícias e aldeias curdas, destruíram um grande número de aldeias assírias, forçando a emigração de cerca de 40.000 assírios, que fugiram

¹⁰ Como fruto desta movimentação, em 12 de abril de 1979 criou-se a ADM – *Assyrian Democratic Movement*, com o intuito de unificar os assírios de diferentes denominações religiosas numa única associação política. (PETROSIAN, 2006)

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

juntamente dum grande contingente de curdos. A sorte daqueles que permaneceram em suas terras não foi boa; durante o censo de 1987, novamente forçados a se registrarem como árabes ou curdos, quando muitos se recusaram, enfrentaram punições sistemáticas, sendo presos ou mortos (PETROSIAN, 2006).

Deste modo, durante o início da década de 1990 e a intensificação da Guerra do Golfo, as fontes jornalísticas, sobretudo as ocidentais, não eram capazes de reconhecer uma identidade nacional assíria, sendo nomeados árabes cristãos (PETROSIAN, 2006), tamanha havia sido a repressão e o êxodo de assírios no Iraque naqueles últimos anos. Dados colhidos em *Syria and Iraq – Repression*, de Ray J. Mouawad (2001), revelam que 30% dos emigrantes iraquianos até o fim da década de 1990 eram cristãos assírios, enquanto correspondiam eles a apenas 3% da população total do país.

Apesar a cobertura internacional do conflito, a situação dos assírios no Iraque mais uma vez guinou depressivamente. Com isto, entre 1991 e 1992, os assírios foram de fato divididos: aqueles pertencentes à Administração Curda, no norte, e aqueles sob o regime Baathista, centralizado em Bagdá, no centro-sul. Dentro desta separação, Mosul, principal cidade para os assírios permaneceu sob regimento curdo, enquanto Bagdá, a capital que recebeu nas décadas anteriores um grande contingente de assírios, ficou sob a tutela do governo de Saddam Hussein. Tal configuração tensionou ainda mais os assírios, haja vista que meramente não colaborar com o poder curdo iria estigmatizá-los como colaboradores de Saddam Hussein, enquanto o não cumprimento ou contestação dos desígnios do governo de Bagdá acarretaria brutais punições a suspeitos colaboradores dos curdos (PETROSIAN, 2006).

No início do séc. XXI, a discriminação aos assírios continuou em nome da arabização, principalmente nos entornos de Kirkuk, onde 100.000 pessoas foram expulsas de suas terras ou mortas. No mesmo passo, Travis (2006) aponta que cerca de 300.000 assírios, entre 2003 e 2005, deixaram suas casas e rumaram na condição de refugiados para Síria, Líbano, Turquia, Irã e Jordânia em péssimas condições de saúde, correndo o risco de serem emboscados em seu trajeto ou padecerem por inanição ou doenças. Deste montante, 80.000 alcançaram estes países, enquanto presumivelmente o restante se alocaram em outras localidades no próprio Iraque (PETROSIAN, 2006).

De modo geral, o regime de Saddam Hussein conseguiu garantir em diversos cenários a neutralidade dos assírios, garantindo que não se filiassem aos seus opositores organizados. Por mais que sua figura fosse recusada pelas minorias até 2003, com a entrada de tropas internacionais no Iraque para a deposição do regime Baathista, havia o medo da suscitação de uma revolução islâmica para

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

combater forças ocidentais ou imperialistas, colocando os assírios e demais cristãos mais uma vez e de modo mais perigoso sob risco de extermínio sistemático (PETROSIAN, 2006).

De fato, o vice-presidente da Comissão dos Estados Unidos sobre Liberdade Religiosa Internacional alertou sobre o risco duma campanha de limpeza étnica contra o povo assírio se intensificando após a deposição do governo Baathista (TRAVIS, 2006).

Corroborando com isso o fato de, anteriormente à entrada da coalisão no Iraque, relatórios de direitos humanos emitidos pelos Estados Unidos, Reino Unido e ONU relatarem assassinatos civis isolados e discriminação geral contra assírios, enquanto os mesmos relatórios publicados posteriormente, a fim de acompanhar o conflito, versam sobre ataques sistemáticos contra assírios (TRAVIS, 2006).

Com os esforços de guerra da coalisão internacional e das facções iraquianas focados na porção centro-sul do Iraque, muitos assírios migraram para as planícies do Nínive, em busca de abrigo em sua terra ancestral. Entretanto, sob a administração curda os assírios não experimentaram qualquer grau superior de representatividade e autonomia políticas (PETROSIAN, 2006).

Em 2004, o KRG – *Kurdish Regional Government*, no Iraque, veiculou publicamente um esboço constitucional para o Curdistão do Sul – norte do Iraque e meridional em relação aos demais territórios curdos na Turquia, Síria e Irã – no qual não há qualquer menção à Planícies do Nínive em consonância à presença assíria na região, antes há a alegação que toda a área sob administração curda seria parte de um “*Greater Kurdistan*” (HANNA et BARBER, 2017, p.13).

A nova Constituição Iraquiana, lavrada em 2005 em oposição à declaração curda, em seu artigo nº 140, garante que a situação dos territórios em disputa, caso das planícies do Nínive, deveria ser resolvida até o fim de 2007 pelos seus próprios habitantes de diferentes etnias; isto é, se permaneceriam sob o governo central de Bagdá ou se responderiam ao Governo Curdo do Sul (HANNA et BARBER, 2017).

Todavia, enquanto xiitas e sunitas árabes se confrontavam numa guerra civil pelo controle e influência no governo iraquiano, os curdos fortaleceram suas milícias, consolidando seu aparato militar e balizando seu controle político sobre a região. Em 2006, ratificando a posição curda, o KRG publica um novo projeto de constituição, no qual está explícito no 2º artigo que as planícies do Nínive pertencem por direito ao Curdistão (HANNA et BARBER, 2017).

Por pelo menos uma década, o KRG ao passo em que se ratificou como controlador da região norte do Iraque, minimizou a influência política e cultural dos assírios, retaliando a participação de autoridades assírias e de outras minorias que optaram por permanecerem independentes do

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

patrocínio curdo nos assuntos políticos da região. O KRG neste momento havia recebido influência massiva do KDP – *Kurdish Democratic Party*, a fim de anularem sistematicamente a participação política de assírios e suas respectivas alianças internas, inclusive promovendo massiva migração de curdos para estas regiões e criando redes de segurança curdas para patrulha das vilas e comunidades minoritárias (HANNA et BARBER, 2017).

No dia 21 de janeiro de 2014, num episódio positivamente marcante para os assírios, foi aprovado pelo Conselho de Ministros Iraquianos a oficialização das Planícies do Nínive como uma província iraquiana, visando estruturar uma governadoria ostensiva na proteção de minorias e na asseguarção de seus direitos políticos plenos, bem como agindo para garantia de suas liberdades civis e religiosas. Os assírios e demais povos reportar-se-iam à Governadoria da Planície do Nínive primeiramente, e não mais ao Governo Central Iraquiano (HANNA et BARBER, 2017).

Entretanto, poucos meses depois, as cidades da Planície foram esvaziadas devido à invasão do Estado Islâmico. O EI, por mais que haja alcançado condição expoente em 2014, formou-se em 2003, enquanto o Iraque estava ocupado pela coalisão internacional encabeçada por Washington D.C.; foi fundado pelo jordaniano Abu Musab al-Zarqawi, responsável pelas atividades da Al-Qaeda no Iraque e em seu país de origem. O EI busca erigir um Estado teocrático muçulmano; no califado, todos os habitantes estariam obrigados a seguirem o Islã em sua forma mais primitiva, sendo o Estado responsável e devedor de punições e sanções contra aqueles que se rebelarem ou não praticarem a religião desta forma. Para tanto, os seguidores do EI, fiéis da vertente sunita do Islã, valem-se de uma interpretação heterodoxa do Alcorão e do conceito de *jihad*, que significa originalmente “esforço no caminho de Alá”, mas que, para os salafistas¹¹, nas circunstâncias atuais da geopolítica, significa uma guerra santa ao Ocidente e aos infiéis. O grupo segue o wahabismo, um ramo moderno do sunismo (FELÍCIO, 2018).

Com a visível conquista do EI sobre as terras iraquianas, sobretudo aquelas de maioria cristã e xiita, foi percebido um processo de deterioração das instituições do Estado anterior à ascensão do grupo wahabita¹². O grande número de células terroristas no interior do Iraque e das grandes cidades despertas pela propagação do EI comprovou que o governo iraquiano estabelecido após a ocupação estadunidense falhou em pacificar e unir o país, ainda mais os pertencentes às minorias do país,

¹¹ Salafismo ou movimento salafista é um movimento ortodoxo, internacionalista e conservador dentro do islamismo sunita.

¹² O wahabismo é uma vertente sunita constituída por volta de 1700, a partir das ideias de Al Wahhab, nos mesmos intuitos aqui já citados, sendo que seus seguidores são hoje uma parcela extremamente ínfima do número total de muçulmanos e mesmo em relação apenas aos sunitas.

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

impossibilitadas materialmente de se defenderem da condição de principais alvos do EI (HANNA et BARBER, 2017).

Para os assírios, segundo Hanna e Barber (2017), a resposta de Bagdá à afronta do EI seu território foi insignificante, porém consistente com o histórico das ações do governo frente o povo, mais uma vez ignorado pelos sucessivos regimes fundados no Iraque, mesmo após a queda de Saddam Hussein. Enquanto o exército iraquiano colapsou nos principais centros urbanos, fugindo para o sul, a milícia principal do KRG, os *peshmerga*, que significa na língua curda, “aqueles que enfrentam a morte”, acabaram por desproteger assírios e yazidis nas planícies do Nínive ao, num primeiro, se retirarem para mais ao norte.

Entretanto cabe ressaltar uma diferença entre estas estratégias militares: enquanto Bagdá não possuía condições materiais de combater o EI, os curdos estrategicamente recuaram suas tropas a fim de consolidar¹³ uma nova faixa territorial, avançando em direções adjacentes o conflito, enquanto aquelas zonas onde se assentava o EI foram deixadas a cargo da força de coalisão internacional (HANNA et BARBER, 2017).

Embora o KDP efetivamente controlasse a Planície do Nínive antes do advento do Estado Islâmico, sua presença na área parece muito diferente em 2017, em relação a como era no início de 2014. O território da Planície do Nínive atualmente ocupada pelos *peshmerga* é cerca de metade do que era antes de 2014, mas o seu papel em partes da Planície do Nínive está sendo agora politicamente ratificado e legitimado, enquanto anteriormente, apenas detinham o controle na prática. (HANNA et BARBER, 2017, p. 15)

Desde estes episódios, consolida-se o Curdistão do Sul¹⁴ como uma instância burocrática e politicamente organizada, com intensão de manter o controle da região, delimitando inclusive fronteiras protegidas por trincheiras (HANNA et BARBER, 2017), em oposição ao Estado Iraquiano, configurando-se um grandioso enclave territorial no qual residem interesses locais, regionais e internacionais.

Após mais de dois anos sob domínio do EI, as planícies da antiga cidade de Nínive foram totalmente libertadas das forças do terrorismo wahabita em janeiro de 2017, após uma campanha que

¹³ Segundo relata o artigo publicado pela *Assyrian Confederation of Europe*, numa entrevista dada a Brian Rohan, jornalista da Fox News, e publicada em 5 de dezembro de 2016, o comandante dos *peshmerga*, Sirwan Barzani disse o seguinte sobre a consolidação do poder curdo no Iraque: “Era nossa linha de frente, agora é nossa fronteira e ali permaneceremos para sempre”. O presidente do Curdistão do Sul, tio de Sirwan, Massoud Barzani, reiterou que as terras tiradas do Estado Islâmico “permanecerão em mãos curdas”. No território controlado pelos Barzani, bandeiras com o rosto de Massoud foram erguidas em todas as cidades. (HANNA et BARBER, 2017, p.16)

¹⁴ Mesmo que as autoridades políticas curdas do Iraque tenham instrumentalizado os assírios a fim de galgarem maiores graus de poder dentro do Iraque, os pesquisadores reportaram também à *Assyrian Confederation of Europe* os esforços da população curda em ajudar os refugiados cristãos assírios e demais minorias. (HANNA et BARBER, 2017, p. 17)

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

se iniciou uma operação militar para retomada da Planície do Nínive, sobretudo de Mosul, por parte do Governo Central Iraquiano. O denominado Comando da Operação de Libertação do Nínive foi apoiado por tropas estadunidenses e pela coalisão internacional, bem como incluiu a campanha as Forças de Segurança do Iraque e inclusive os *peshmerga* de ambos os partidos curdos. (HANNA et BARBER, 2017, pág.16). Oito meses após a libertação do Nínive, foi acordado que as porções ao norte da governadoria da Planície do Nínive estariam sob governo dos curdos, enquanto mais ao sul da região, próximo ao centro do país, formou-se uma milícia assíria – este grupo paramilitar assírio e outros serão explorados num capítulo à frente – apoiada pelas forças de Bagdá para zelar pela segurança dos cidadãos. (HANNA et BARBER, 2017)

A territorialidade assíria

Mesmo com um futuro médio incerto, os assírios começaram a retornar para suas casas na Planície, o que demandou um esforço imenso de reconstrução das cidades. Com exceção de Alqosh e outras poucas aldeias, a Planície do Nínive estava em completa ruína. Em Baghdeda e Karamlesha a imensa maioria dos edifícios, fossem casas, hospitais, escolas ou igrejas, estava destruída. (HANNA et BARBER, 2017)

De acordo com a *Assyrian Aid Society* - AAS, sediada em Dohuk, aproximadamente 3.000 casas, de 10.000 existentes, foram incendiadas em Baghdeda, o que impossibilita fazer reparos na estrutura. Segunda a AAS, os esforços internacionais para a reconstrução da Planície do Nínive e para apoiar os cidadãos deslocados têm sido insignificantes. (HANNA et BARBER, 2017)

O vice-presidente Mike Pence norte-americano, em outubro de 2017, prometeu que os Estados Unidos ajudariam diretamente aos cristãos do Iraque através da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e por meio de organizações religiosas que operam na área. A USAID anunciou mais de US\$ 178 milhões em assistência externa dos Estados Unidos para apoiar cristãos e outras minorias religiosas no Iraque em 16 de outubro daquele ano, elevando a assistência total dos EUA para as comunidades vulneráveis a quase contabilizando US\$ 300 milhões em assistência estadunidense para minorias vulneráveis desde que Donald Trump se tornou presidente¹⁵.

¹⁵ Disponível em: <https://www.breitbart.com/national-security/2018/10/30/christians-return-to-iraq-post-islamic-state-genocide-people-have-more-hope-under-trump/>

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

Emmanuel Youkhanna, parlamentar assírio no Iraque, em entrevista¹⁶, atentou para o fato de organizações assírias não disporem dos requisitos para serem agraciados pelo USAID, além da suspeita de que esse financiamento seja confiado às organizações curdas, uma vez que as autoridades do Iraque ratificaram que “esse dinheiro não será usado para construir uma infraestrutura da nação cristã assíria”.

O receio destas comunidades em relação a este tipo de ajuda se assenta numa memória recente sobre o fruto das ações ocidentais no Oriente Médio que, embora possuam uma roupagem diferente daquela perpetrada no pós-Primeira Guerra, levam ao mesmo fim. Segundo David Harvey (2005), o imperialismo aplicado a partir da década de 1970 é análogo ao capitalismo, de modo que ele possui duas câmaras de ação: uma segundo a lógica do Estado, relacionada à diplomacia, às ações públicas, territoriais e internacionais dos países hegemônicos; e outra segunda a lógica econômica, daquilo que é denominado processos moleculares de acumulação de capital, no qual as instituições capitalistas expandem suas áreas de atuação, atrelando economias menores ao centro de ação capitalista central; todavia, estas duas lógicas não são naturalmente antagônicas ou sinérgicas, variando de acordo com os contextos políticos.

A página social *This is Christian Assyria*¹⁷, publicou uma reportagem¹⁸ feita pelo *Independent*, portal de notícias britânico, datada de maio de 2017. A manchete diz: “Voluntários muçulmanos reparam mosteiro católico. “Mosul é tanto dos cristãos quanto dos muçulmanos”¹⁹”. A matéria narra como voluntários curdos, árabes, fossem cristãos ou muçulmanos, se mobilizaram para reconstruir o Mosteiro de São Jorge, em Mosul, severamente danificado pelo EI. Relatos como este atestam o fato de a solidariedade civil inter-religiosa e multiétnica constituir um caminho efetivo para a coexistência pacífica, distante dos jogos e interesses políticos, permitindo que as vítimas da destruição humana possam reestabelecer suas vidas, tendo o convívio social restituído.

Tomando o território apenas como o espaço geográfico delimitado por um agente centralizador, como o Estado, não seria possível falarmos de um território assírio, já que desde a Antiguidade eles se inserem dentro de instâncias políticas e burocráticas alheias. Todavia, se compreendermos esta categoria de análise como o controle social e espacial efetivado por diversos atores, que estabelecessem territórios sobrepostos com hierarquias e regras distintas (RAFFESTIN,

¹⁶ Idem

¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/ChristianAssyriaMesopotamia/>

¹⁸ Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/muslim-volunteers-repair-catholic-monastery-mosul-iraq-isis-al-arabi-terrorism-st-georges-a7765111.html>

¹⁹ Tradução e adequação nossas. No original: “*Mosul is yours as it is ours*”

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

1993), poderíamos pensar que os assírios, apesar de inseridos em outros Estados, constituem de modo escalar seus respectivos territórios nos dias atuais.

No entanto, é problemático afirmar categoricamente isto, pois as fontes e referências utilizadas neste trabalho apontam para um sistemático sobrepujo da autoridade dos assírios em suas cidades no Iraque. Para confirmar ou rebater esta narrativa, seria necessária uma averiguação empírica para que se pudesse também mensurar a abrangência dos fatos apurados, o que, clara e muito infelizmente, não foi possível nesta pesquisa.

É possível, contudo, apontar para a existência de uma territorialidade assíria. A respeito da territorialidade, podemos sintetizar que se refira este conceito à expressão sociocultural, através de um ente ou um grupo social, de poderes territoriais, estejam eles consolidados ou em conflito (SOJA, 1971; SACK, 1986); isto significa que a cultura dos assírios, constituída através de toda a história do povo e que representa uma vontade política e, portanto, territorial, possui força para marcar na paisagem e permear a sociedade de seus traços, definindo assim em quais zonas do espaço existe a influência do modo de vida assírio.

Como exemplo disto, tomando um dos casos descritos nas páginas anteriores, os sinos, cruzeiros e edifícios religiosos constroem uma paisagem que, no contexto de nosso trabalho, refere-se aos assírios. Do mesmo modo, as Igrejas e suas doutrinas, diretrizes e atuações sociais também expressam a presença dos assírios dentro destes países: se um viajante que atravessasse o Iraque se deparar com estes aspectos em uma cidade ou se ele escutar os transeuntes conversando em uma língua que não é o árabe, poderá ele saber que esta localidade não representa a cultura hegemônica ou o grupo étnico mais numeroso no país.

Podemos dizer que a religiosidade é aspecto marcante da sociedade assíria, sendo possível a definirmos como principal potência da territorialidade assíria; é também verdade que há uma memória da história geral muito presente no imaginário do povo, remontando aos primeiros passos dados por esta nação.

Bandeiras políticas dos assírios

Em 2018 os iraquianos puderam participar das eleições federais pela quarta vez desde a deposição do governo de Saddam Hussein. Mais uma oportunidade para a efetivação da representação política de minorias num país de passado recente extremamente turbulento. (HANNA et JOSEPH, 2018)

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

O Iraque implementa em seu sistema político mecanismos para a inserção de grupos minoritários na política. São destinados assentos cativos para representantes destas comunidades. Este sistema de quotas busca garantir o mínimo de representação política, para que não se intensifiquem disparidades sociais entre os diversos grupos que constituem o país (HANNA et JOSEPH, 2018). Entretanto, a percepção dos assírios é de que o sistema é falho, haja vista que os eleitos não dispõem de recursos políticos para implementarem agendas específicas para minorias. Outra deficiência deste sistema é a marginalização dos parlamentares assírios quotistas, sendo menos respeitados e isolados pelos colegas de parlamento – constituindo um meio passivo-agressivo de frear a representação política de assírios (HANNA et JOSEPH, 2018).

Consolidada esta conjuntura da política doméstica iraquiana, os parlamentares assírios acabam tentados a se aliarem aos partidos majoritários, para que possam, através de negociações internas, conseguir a aprovação de determinadas leis que favoreçam as minorias. Segundo os autores:

O Parlamento Iraquiano é composto por 329 assentos, nove dos quais são reservados para comunidades minoritárias. Cinco desses lugares minoritários são reservados para deputados “cristãos”. Enquanto yazidis, curdos, sabeans e shabaks recebem um assento cada. O sistema de cotas minoritárias foi implementado pela primeira vez nas eleições iraquianas de 2010. (HANNA et JOSEPH, 2018, p. 11)

É possível notar que a própria estruturação das quotas é dúbia, facilitando a ocorrência de fraudes no processo eleitoral. O termo “cristãos”, por mais que seja um importante traço constituinte da identidade do povo, não abarca somente a comunidade assíria, tão menos se denota uma validação da existência e importância desta comunidade étnica no Iraque.

Adaptações como essa em textos oficiais acabam alastrando-se pelo imaginário popular, acarretando no esquecimento da memória de uma etnia diversa, processo intensificado durante as décadas de 1960 a 1990 no Iraque, por ventura da campanha de arabização dos povos minoritários do regime Baathista. “Árabes cristãos”, “cristãos iraquianos” podem voltar a serem termos que designam imprecisamente uma milenar comunidade étnica com ricas tradições.

A respeito disso, exortam extensamente Rene Hanna e Max J. Joseph (2018, p. 15-16)

Para aqueles que não são frequentes observadores da política iraquiana, a questão dos sistemas de quotas às minorias defeituosos e de fácil abuso pode parecer banal, nem mesmo uma surpresa em um país cujos sistemas e eleições governamentais são frequentemente disfuncionais. No entanto, as consequências desse problema são mais abrangentes do que se poderia esperar. Além de lutar contra a violência extremista que expulsou completamente muitos assírios do país, aqueles que permanecem – em números reduzidos, sentem-se perpetuamente em apuros dentro dos sistemas políticos que são responsáveis por garantir seus direitos. Os perigos políticos a que assírios são expostos incluem o roubo, processo já em curso, de suas terras ancestrais, persistentes campanhas para reduzir a atuação política

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

assíria, fazendo-os cada vez mais dependentes de partidos políticos maiores, além do esforço para negar aos assírios um papel administrativo sobre as áreas que abrigam as maiores concentrações de sua população, onde muitas vezes não é fornecida segurança adequada pelo governo central ou pelas administrações regionais.

É necessário que os assírios estejam atentos a novas formas de repressão étnica-cultural, haja vista que a violência imposta pelo EI pode anestesiar a opinião mundial sobre abusos e repressões vindouras, bem como a própria natureza da opressão por vias legais e sistêmicas favorece este comportamento:

(...) Essas ameaças também são mais prejudiciais para a longevidade futura dos assírios do que até mesmo a ameaça representada por grupos extremistas, como o Estado Islâmico; considerando que esta última é visível e condenada tanto pela comunidade e quanto pelas autoridades iraquianas, as primeiras constituem maneiras mais sutis e ocultas de minar o enraizamento assírio em sua terra natal, condição muitas vezes não reconhecidas por agentes ocidentais que estão envolvidos nos problemas no Iraque, sendo, portanto, este perigo ignorado ou não confrontado, mesmo quando já provoca dano. (HANNA et JOSEPH, 2018, p. 16)

O *Assyrian Policy Institute* denunciou amplamente fraudes nas eleições de 2018, fruto da deficiência da lei iraquiana que não impede que pessoas que não se denominam cristãs votem em candidatos cristãos das listas quotistas. Por fim, foram 5 novos parlamentares quotistas cristãos eleitos para as respectivas cadeiras; entretanto, dois destes parlamentares reportam-se ao KDP, partido curdo do Iraque; isso foi possível através duma estratégia de corrupção dos procuradores assírios; outros dois eleitos são provenientes da Organização Badr, grupo respaldado pelo Irã, que atua política e militarmente no país vizinho, e de seu respectivo braço, o Movimento Babilônia, nominalmente cristão mas acusado de entrincheirar em suas fileiras grande número de muçulmanos (HANNA et JOSEPH, 2018).

Com a ineficiência total do sistema eleitoral iraquiano, os assírios se encontram praticamente inexpressivos na política, possuindo apenas um parlamentar direto e independente. Tal quadro é alarmante, pois desestrutura e enfraquece a sociedade assíria, além de acompanhar uma tendência de repressão histórica.

A despeito das quotas, candidatos cristãos e assírios podem concorrer nas eleições gerais em listas de ampla concorrência. Exemplo disto é Sargon Lazar, membro do *Assyrian Democratic Movement*, que se lançou ao parlamento pelo *State of Law Coalition Party*, encabeçado pelo primeiro ministro Nouri Al-Maliki (HANNA et JOSEPH, 2018).

Os assírios pedem que o número de cadeiras cativas seja dobrado, isto é, que 2 candidatos cristãos de cada uma das 5 governorias que dispõem destas quotas sejam eleitos, bem como apenas

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

os autoproclamados cristãos possam votar em seus respectivos candidatos (HANNA et JOSEPH, 2018).

Os assírios, após décadas de combate aos meios de absorção do povo pela cultura árabe através do governo de Bagdá e à cooptação de suas bandeiras políticas pelos curdos, viram a necessidade de trazerem à tona um espírito político verdadeiramente seu, de modo a organizar toda a nação em torno de objetivos em comum (DEKELAITA, 1993²⁰). Nas palavras do autor, o desenvolvimento do nacionalismo assírio na contemporaneidade se dá através da atividade de expoentes intelectuais:

Os intelectuais parecem necessários para a articulação da consciência nacional, pelo menos nos estágios iniciais, pois possuem certas habilidades que podem ser empregadas para formular ideologia e organização. No caso assírio - assim como dos armênios, árabes, judeus, entre outros -, os intelectuais desempenharam papéis importantes, se não essenciais, no desenvolvimento da consciência nacional de uma nação. (DEKELAITA, 1993, p. 27)

George Habash no ano de 1999 publicou um artigo intitulado *What the Assyrian People Want*; neste documento estão expressas as bases das reivindicações que devem imperar dentro da comunidade assíria. Neste texto são narrados alguns dos desafios que impedem a total integração dos assírios em uma causa política coesa e que possua força numérica e ideológica, dentre os quais o principal é a fragmentação política e espacial da comunidade em torno das denominações religiosas a que são fiéis (HABASH, 1999).

Com esta situação que impede o desenvolvimento de um programa adequado para a representação política dos assírios, faz-se importante a criação de um Parlamento Assírio composto equitativamente pelos partidos da comunidade, de modo a se estabelecer primeiro em exílio, conclamando os compatriotas em diáspora, de modo que se evitem retaliações aos assírios nas terras originais ou que se intensifiquem violências pelos agentes territoriais dominadores (HABASH, 1999).

O autor propôs que o parlamento se estabelecesse nos Estados Unidos, país que mais possui assírios em diáspora, e norteasse e coordenasse as ações dos assírios que vivem nas terras natais, de modo a buscar alianças com Estados com posição influente no Oriente Médio, protegendo, assim, a população e dando voz e publicidade às questões referentes ao povo do Nínive (HABASH, 1999).

²⁰ Na versão digital a que tivemos acesso à obra de Robert DeKelaita, pensador assírio, sua dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Relações Internacionais da Universidade de Chicago, não constava a data da publicação, de modo que o ano a que nos referimos é aquele fornecido na página pessoal do autor na rede social Facebook como ano da conclusão de seu Mestrado. Disponível em: <https://www.facebook.com/robert.dekelaita/about?lst=100001324305867%3A725634596%3A1552796291§ion=education>

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

Em documento apresentado na 1ª Conferência Assíria Mundial, em Moscou, durante os dias 10 e 11 de maio de 2002, Khoshaba P. Jasim, intelectual assírio em diáspora, ponderou também quais seriam as delegações dos compatriotas em igual situação em prol do estabelecimento de uma região assíria autônoma:

Quanto à posição dos assírios dispersos na diáspora, suas contribuições a este respeito (da causa assíria) vêm através de sua participação como cidadãos ativos nas políticas locais de seus países, mas também como assírios ligados aos seus irmãos indígenas através dos ingredientes nacionais, que são: história comum, língua, etc.; eles são obrigados a fornecer apoio moral e material para promover sua reivindicação em nível internacional: nas Nações Unidas, UNPO - Nações Não Representadas e Organização do Povo, e domesticamente através de seus governos, como fazemos nos Estados Unidos. (JASIM, 2002, n.p.)

Neste contexto, a reivindicação mínima é a criação de uma região autônoma na Planície do Nínive, coexistindo com os “curdos ao leste e com os árabes (Governo Iraquiano) ao sul”. Esta região refere-se à Província de Mosul, uma porção de terra relativamente menor à governadoria iraquiana da Planície do Nínive; entretanto, é esta a região onde mais se concentram os locais de maior importância cultural e simbólica para os assírios (HABASH, 1999).

Na Província de Mosul seriam permitidos habitantes de todas etnias e religiões, de modo que, entretanto, fosse resguardado o direito e primazia dos assírios sobre o controle político da região com representações políticas diretas destas demais comunidades nas esferas legislativas competentes. Segundo Habash (1999), há um direito natural dos assírios viverem além da dominação de outros Estados, sendo apenas através de uma administração assíria possível garantir o futuro e liberdade das gerações vindouras. Os direitos reivindicados sobre estas terras são (HABASH, 1999, n.p.):

(...) Região autônoma com órgãos executivos e legislativos; Força policial nacional assíria; Língua assíria – Neo-Aramaico, oficializada; Educação básica e superior assírias; Promoção da cultura assíria-cristã; Controle assírio sobre a mídia; Assirialização da região através da construção de novas cidades e aldeias para abrigar aqueles que retomarem à Província de Mosul.

É importante notar como o plano político proposto pelos assírios iraquianos civilmente organizados, a fim de se livrar das opressões étnicas e territoriais sistêmicas pelas mãos do KRG e do Governo do Iraque, propõe mecanismos de coerção social, ratificação social e política muito semelhantes aos praticados por décadas pelos curdos do Iraque e por Bagdá. Deste modo, se alcançadas as propostas assírias como estão expostas, os fenômenos políticos, sociais e culturais que levaram aos conflitos étnico-territoriais apontados neste texto tendem a continuar a ocorrer, todavia, com os atores em diferentes posições.

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

Há, entretanto, algumas diferenças que são importantes de serem delineadas: em relação ao que consta no documento, a área em que seriam executadas estas diretrizes é bastante pequena em comparação aos territórios curdo e iraquiano, além de estas ações refletirem o intuito da criação de condições favoráveis às pessoas em diáspora, e não para que sejam expandidos os domínios dos assírios.

A criação duma administração assíria autônoma, ou mesmo dum Estado Assírio, é reivindicação de parte dos assírios, todavia o pequeno número a que foram reduzidos, a diáspora que persiste desde a Primeira Guerra Mundial, as recentes instabilidades políticas no Oriente Médio, a falta de contiguidade territorial de seus povoados e sua inserção em outros Estados-Nação podem dificultar sua implementação e efetivação, bem como acirrar conflitos territoriais entre os países do Oriente Médio.

Isto tudo, porém, aponta para uma problemática mais ampla: a adoção do sistema de organização política em torno do Estado-Nação, importado das condições específicas da Europa dos sécs. XIX e XX, e sua elevação à condição de paradigma produzem arranjos territoriais inorgânicos no Oriente Médio que têm acentuado conflitos graves entre diferentes povos.

Podemos, por fim, sintetizar o programa político nacionalista dos assírios em uma palavra: reconhecimento. Há de se reconhecer a história dos assírios, sua existência, sua importância na constituição das sociedades do Oriente Médio, sua contribuição cultural, bem como reconhecer que o olhar da comunidade internacional e dos Estados-Nações da região têm sido gélidos e dissimulados, ao passo que interesses políticos e econômicos são postos acima da garantia aos direitos humanos elementares à dignidade dos povos, sejam eles majoritários ou minoritários.

Considerações finais

As condições políticas e sociais nas quais os assírios se inserem no Oriente Médio caracterizam-se por constante tensão, ocasionada em geral pelas divergências entre os regimes aos quais foram submetidos e poderes paralelos, no caso específico Bagdá e Curdistão do Sul.

A importância acadêmica deste trabalho reside no fato de que os assírios são praticamente desconhecidos no Brasil, mesmo encontrando-se em condições humanas bastante comprometidas. A

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

oportunidade de abordar conflitos contemporâneos no Oriente Médio, e no Iraque mais especificamente, a partir duma comunidade minoritária em termos étnicos e culturais propicia uma nova visão em face a novos conflitos que poderão se desenrolar, priorizando a base da sociedade e as relações políticas mais enraizadas, ao invés de explicá-los apenas através de sistemas econômicos e de Estados, produzindo assim uma verdadeira consciência geopolítica.

Dito isto, foi de suma importância compreender o *Orientalismo* - como uma produção política, acadêmica e discursiva do Ocidente, em função dos imperialismos, principalmente o capitalista, vigente hoje; deste modo, duas teorias distintas ganharam concretude quando aplicadas dialeticamente, possibilitando que diversas matizes e escalas dos problemas abordados aqui pudessem ganhar relevo.

Retomando um passado não tão distante, podemos também citar o aproveitamento das terras do Oriente Médio pelas potências ocidentais a partir da fragmentação do Império Otomano como um gatilho para que programáticas ações opressivas recaíssem sobre o povo assírio. A partir de então, podemos visualizar uma crescente escalada rumo ao Leste em função de aproveitamentos econômicos e geopolíticos, principalmente calcados na soberania energética e na disputa pelas hegemonias regional e global. Evidentemente, esta corrida mobilizou aparatos militares e diplomáticos ao longo de décadas, marcadas por guerras sucessivas, as quais atraíam olhares de todas as partes do globo, produzindo, no entanto, olhares turvados por alguns clichês que parecem servir para explicar qualquer ação bélica: petróleo, controle de canais de escoamento, imperialismo, fundamentalismo religioso, terrorismo, busca por democracia, respeito aos direitos humanos.

Nesta pesquisa foi possível conhecer brevemente a história dos assírios, bem como inseri-los no Oriente Médio de modo coerente aos eventos históricos geradores, relacioná-los aos governos curdo e Iraquiano, além de mostrar a sua forma de organização civil em função das denominações eclesiais e de organizações civis na diáspora, mostrando sobretudo como a territorialidade assíria se manifesta e como buscaram defender seus interesses e direitos, por fim, relacionando esta identidade a bandeiras políticas.

Torna-se lógico que em cada um destes países as relações com os Estados nacionais e com outros povos que o habitam produzirão diferentes pensamentos políticos na comunidade assíria, manifestando, portanto, sua territorialidade e gerindo seus territórios de modo diferenciado. Há, pois, amplo espectro para o avanço desta pesquisa, abarcando novas realidades, fatos e abordagens dos problemas a nos debruçarmos.

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

Referências

BETBASOO, Peter. *A Brief History of Assyria*. AINA NEWS – Assyrian International News Agency. 2015. Disponível em <<http://aina.org.htm>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2018

DEKELAITA, Robert. *The Origins and the Development of the Assyrian Nationalism*. Tese de doutorado em Relações Internacionais - Committee on International Relations of the University of Chicago. 1993

FELÍCIO, L. F. M. *O Daesh, a Crise dos Refugiados na Síria e a Xenofobia de Governo na Europa*. Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, Rio de Janeiro, V. 8, N.2, p. 77-92, 2018 ISSN 2237-3071

HABASH, George. *What do the Assyrian People want?*. AINA NEWS – Assyrian International News Agency, 1999. Disponível em:< <http://www.aina.org/articles/habash.htm>> Acesso em 17 de março de 2019

HANNA, Rene; BARBER, Matthew. *Erasing Assyrians: How the KRG Abuses Human Rights, Undermines Democracy, and Conquers Minority Homelands*. Assyrian Confederate of Europe, 25 de setembro de 2017. Disponível em: <<http://www.aina.org/reports/erasingassyrians.pdf>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2019.

HANNA, Rene; JOSEPH, Max J. *Iraq's stolen election: who assyrian representation became assyrian repression*. Assyrian Policy Institute. 27 de novembro de 2018. Disponível em: <<http://www.aina.org/reports/ise.pdf>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2019.

HARVEY, David. *O Novo Imperialismo*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

JASIM, Khoshaba P. *The Fate of the Assyrians: Perspectives of Development*. AINA NEWS – Assyrian International News Agency. 2002. Disponível em: <<http://www.aina.org/articles/fota.htm>> Acesso em 17 de março de 2019

KLISZUS, Irene. KLISZUS, Edward. *The Assyrian Diaspora*. Ed.I Nova Iorque. Columbia University, 1999.

MALEK, Yusuf. *The British Betrayal of the Assyrians*. Ed. I. Warren Point. Editora: Kimball Press, 1935. Disponível em <<http://www.aina.org/books/bbota.htm>>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

MOUAWAD. Ray J. "Syria and Iraq – Repression," *Middle East Quarterly* - Winter 2001. Vol. VIII. Nº 1. Págs. 51-60. Disponível em: <<https://www.meforum.org/17/syria-and-iraq-repression>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2018.

PETROSIAN, Vahram. *ASSYRIANS IN IRAQ*. *Caucasian Center for Iranian Studies, Yerevan*. Brill, Leiden, 2006

PHARES, Walid, "Are Christian Enclaves the Solution?" *Middle East Quarterly* 8 (2001), <http://www.meforum.org/article/18>.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

**O POVO ASSÍRIO NO IRAQUE:
CONFLITOS TERRITORIAIS CONTEMPORÂNEOS**

SACK, R. D. *Human territoriality: its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAID, Edward W.. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução Tomás Rosa Bueno. – São Paulo: Companhia das Letras, 1990

SHAPER, Aprim. “*Chaldean Catholic Church and National Politics*” (19 de fevereiro de 2003)”. Disponível em <<http://www.atour.com/religion/docs/20030219a.html>> Acesso em: 15 de fevereiro de 2019.

SKENDERIS, Steven Stavros, “*Note and Comment: The Ethnic Greeks of Turkey: The Present Situation of the Greek Minority and Turkey’s Human Rights Obligations Under International Law*,” *St. Thomas Law Review* 16 (2004): 551–94, 564–65

SMOLANKSY, See Oles M., “*The USSR and Iraq: The Soviet Quest for Influence*” (Durham, NC: Duke University Press, 1991), 230–80;

SOJA, E. W. *The Political Organization of Space*. Washington, D.C: AAG Comission on College Geography, 1971.

TRAVIS, Hannibal (2006) “*“Native Christians Massacred”: The Ottoman Genocide of the Assyrians during World War I,*” *Genocide Studies and Prevention: An International Journal*: Vol. 1: Iss. 3: Article 8. Available at: <http://scholarcommons.usf.edu/gsp/vol1/iss3/8>

WIGRAM, W.A. *The Assyrians and theirs Neighbours*. Ed.I. Londres. Editora: G.Bells&Sons, 1929. Disponível em: <<http://www.aina.org/books/aatn.htm#c19>>. Acesso em: 20 de outubro de 2018

ZAPATA, Daniela de Oliveira. *A Revolução Baath no Iraque e na Síria: o que mudou?* Revista *Perspectiva*. v. 10, n. 18. 2017, pág. 86-100

Recebido: 30 de setembro de 2020

Aceito: 11 de janeiro de 2020

Publicado: 05 de fevereiro de 2021